

PÔR DO SOL



DE ALGUM JEITO, EU
ESTAVA DE PÉ NOVAMENTE

NÃO ME SENTIA FAZER
NADA

TINHA ALGO NO
AUTOMÁTICO



UM BRAÇO SE LEVANTOU
ABRIU E FECHOU O PUNHO

ENCOSTOU NO MEU PEITO

E...





MINHA IGNIÇÃO

A close-up photograph of a fire, showing intense orange and yellow flames rising from a dark base. The fire is the central focus, with the background being dark and indistinct.

APARECEU.

ÍNDICE

CAPÍTULO 1: CIDADE FLUTUANTE	8
------------------------------	---

CAPÍTULO 2: CHACINA FLUTUANTE	60
-------------------------------	----

CAPÍTULO 3: SEGUNDO PURO (PARTE 1)	113
------------------------------------	-----

CAPÍTULO 3: SEGUNDO PURO (PARTE 1)	189
------------------------------------	-----

CAPÍTULO 4: A PRAÇA DA TOURADA	248
--------------------------------	-----

CAPÍTULO 5: POLÍTICA VIOLENTA E UNIDA	316
---------------------------------------	-----

PÔR DO SOL

VOLUME 2

NOVEL ESCRITA E ILUSTRADA
POR:

GALIMEU



CIDADE FLUTUANTE

[Algum lugar distante da ODS do Primeiro Setor]

A madrugada do primeiro setor foi estranha no contexto geral. Em verdade, dúvidas e aflição corriam feito um alarme noturno no outro lado da cidade, e muita dor corria deste outro lado, um lugar afastado pelo deserto, onde o horizonte fazia os pequenos prédios da cidade como uma ilusão do sofrido calor.

Rastros de pegadas nas dunas conduziam ao monótono ritmo de amargura. Um passo, um tempo grande, mais um passo. A velocidade lenta na areia era preenchida com o realçar das gotas de sangue e a fina trilha da ponta da lança.

A manhã cruzou a vista dos olhos sôfregos. Os raios de luz refletiram no solo e deixaram claro feito o próprio sol. Por um momento, os passos fizeram uma pausa, o ligeiro som de metal a arranhar o chão apareceu e o fino traço desapareceu da caminhada pelo mar de nada.

Logo, a presença contrastante no amarelo voltou a seguir o rumo desconhecido.

Vulax cambaleava em meio ao deserto que não tinha fim, estava muito longe da cidade. As dunas imensas afastaram qualquer ser vivo enquanto as marcas dos pingos de sangue criavam a cena de um crime. A maquiagem começou a se desfazer e, incomodado, passou o dedo e notou a tinta soltar da pele.

— Graça, sim. *Uh...*

Exatamente. O rapaz, que andava com muita dor, pressionava o braço numa força vacilante para segurar o fluido vermelho que escorria pelo membro adormecido. Continha seus

pensamentos com passos lentos e olhar fixo ao horizonte.

A lança, que estava ativada desde então, serviu como uma bengala para se equilibrar, porém, junto de um sorriso egoísta, foi colocada no bolso após voltar a forma de um simples pincel.

Virou à direita, virou à esquerda; repetiu muitas vezes. Percorria um caminho invisível no oceano de areia. Sobre o efeito do atordoamento no confronto anterior com Dourres, havia uma ligeira confiança no andar doente.

Os olhos coloridos não piscavam, fitavam um objetivo que atravessava as dunas altas, mas somente ele via.

Encolheu o passo e ergueu o corpo. Levantou a mão sutil para frente do rosto e fez uma sequência como se acertasse um teclado. Enquanto escrevia no ar com o indicador, raiva atíçou o sorriso nervoso.

A cena de ver o inimigo a frente e com a convicção o fez salivar em desprezo. Barulhos de teclas surgiam a cada movimento num tom acelerado, como se cada deslize carregasse o rancor que descontava na senha que ninguém podia ver.

Quando parou, o corpo ficou ereto. Um chiado surgiu e revelou uma maçaneta que fez sua silhueta flutuar pelo nada. Vulax segurou o objeto estranho, no mesmo momento, o chiado desgovernou e intensificou pelo ar, dando vista a uma porta ausente de paredes de apoio, apenas suspensa em meio ao deserto.

A entrada, que surgiu em meia piscada de olhos, foi aberta e mostrou o interior para o andarilho machucado e raivoso. Escadas em um espiral que engolia sua trajetória pelo breu denso

e ar espesso. Degraus escuros e misteriosos, que levavam para um ponto luminoso que dava esperança para a infinita descida.

O lugar escondido em plena vista desafiava a lógica, e Vulax nem ligou.

A porta fechou sozinha e completou o breu enquanto as provas de existência da entrada retornavam ao nada no lado de fora. Desceu cada degrau, aguentou as dores com barulhos desconfortáveis. As pupilas coloridas tremiam ao navegar pelo escuro. Até que, enfim, chegou em uma caverna imensa, onde o ponto de luz continha uma origem.

Aquele lugar clamava por estranho a cada ângulo, porém, como se esperasse por ele, a luz se multiplicou em outras que acenderam. Pode notar um caminho se esclarecer e mostrar passarela que parecia... flutuar. Uma travessia que pairava sobre a caverna de um abismo imensurável.

Uma ravina, enterrada nos confins da areia do Primeiro Setor, esperava pelo machucado.

No final da passarela, logo depois da última luz acender, duas silhuetas de homens idênticos surgiram. Vulax resfolegou em alívio, mas rangeu os dentes, feito o arrependimento sincero após de um pensamento impulsivo. Quanto mais prosseguia, mais definido era as silhuetas.

Mais perto, mais claro, mais silhueta eram. Apenas... silhuetas? Aqueles dois homens não eram homens. Estavam parados como manequins de loja, aguardando a chegada de Vulax, com braços cruzados nas costas.

Criaturas esquisitas, que eram parecidas com humanos,

estavam no final do caminho. Ao notar a percepção final do visitante, se afastaram do meio e deixaram a vista o que estava atrás deles: um telefone sobre uma mesa muito pequena perto do final daquele chão suspenso e uma pedra cristalina.

Não tinham boca, olhos, nariz e nem ouvidos; a definição de silhuetas ambulantes. Sua forma era instável, se deformavam ligeiramente como se fosse um líquido agitado ou como chamas ao vento.

Outra luz, estando atrasada, resplandeceu e retirou das sombras a cadeira ao lado da mesa. Os seres foram para perto do machucado, porém, foram negadas pelo movimento ligeiro como se espantasse moscas que Vulax executou.

O quase maquiado se sentou na cadeira, e o telefone começou imediatamente a tremer. O toque ecoou pelo escuro da caverna com uma música similar à de um celular de brinquedo, mostrava uma foto totalmente preta e a letra “A”.

Ao pegar o telefone rapidamente, atendeu a chamada:

— Foi o oposto do que imaginei.

— Pra variar... Mas conseguiu? — Uma mulher com a voz abafada perguntou, curiosa.

— Sim, Amanda... *HaHaha*. Consegui, *uh...* — Ignorando as dores, o sorriso anormal surgiu em Vulax.

A chamada possuía um chiado que podia incomodar qualquer alma no silêncio daquele lugar desprovido de qualquer sinal de vida. Após a resposta, as silhuetas entreolharam — embora sem olhos ou rostos —, receosos, e voltaram a posição de manequins.

— Curem.

As criaturas começaram a se mover de novo, foram até o braço adormecido do estranho e colocaram suas mãos unidas sobre a ferida. Um pequeno brilho tímido em... ciano apareceu.

— Como sabe?

— Adivinhei. Enfrentou, cheio de si, quem nem é o mais forte e saiu como um cachorro com rabo entre as per... — disse, brincando.

— Minha bateria estava praticamente no fim! Sabe o quão complicado é recriar um cenário inteiro e simular tudo! Não é um holograma barato. E. E. E eu não podia matá-lo! — Levantou-se da cadeira. — Pelo menos, ele demonstrou que tem graça. — comentou, irado.

A feição ressaltava o poder da maquiagem, um palhaço desprovido de paciência, especialmente se for para as piadas dos outros.

Bastaram alguns segundos para o corte sumir da existência, deixou apenas as marcas de sangue que estavam presas à roupa.

— *Hehe!* — Colocou as mãos no rosto depois do sorriso voltar a capacidade máxima. — Espero que ele vá para lá mesmo.

— *Humf*, Deve. Dourres é a chave para o ritual... aguarde mais comandos quando a festa acabar. Preciso começar a carregar o cristal, terei que apelar para métodos extremos. E preciso que se dedique para se manter vivo contra Cortax.

Vulax passou os dedos sobre a mesa e averiguou a limpeza do lugar. Antes que fosse falar, uma gota de água caiu sobre seu

olho amarelo.

— Ah!?! — reclamou, furioso. — Não vou ficar plantado numa caverna! E aquela telecinese de meia tigela é nada para mim!

— Relaxe. Aproveite para passar o plano ao resto dos pilares... Sei que o Ernec será uma pedra no sapato... mas, com sorte, o Feites sairá da jogada, queridinho. Retorno quando recolher a energia da Cidade flutuante. Até mais, vuvu.

O celular foi desligado. Vulax tentou usar o dispositivo, que não ligava mesmo com tantos toques. Numa função exponencial, a paciência esgotou e arremessou, para as profundezas do abismo da caverna, o celular inutilizado.

— Mencione minha cópia desgraçada de novo e você é a próxima a morrer, vadia.

Arregalou os olhos com que tinha visto: uma das criaturas esticou seu troco até seus braços recolherem o telefone no ar e trazer de volta para a mesa como um elástico extremamente fino.

— Meu cristal não tem um titã, que sem graça!

-

[Passagem, próximo ao rio central]

O clima de preparo era constante no leste e oeste. Os caminhos deviam se cruzar inevitavelmente. Os destinos deviam se encontrar. O futuro, uma hora, podia finalmente se mostrar como verdadeiro; mostrando o pôr do sol das montanhas.

Preparo de um plano. Sim, uma tentativa de resgate de procurar pistas e uma possível vítima e uma viagem para o lugar

que mais atraía visitantes na época das férias.

O dia já instaurou a presença por completo. O sol iluminava o caminho, e os viajantes eram revelados pela luz entre as árvores que davam boas-vindas para aqueles que percorriam a autoestrada.

— Eis a Cidade Flutuante — anunciou Luri, animada ao ver o horizonte dentro do carro.

O brilho nos olhos azuis ressaltava uma inquietação de uma criança, Nirda estava da mesma forma. Vendo a paisagem imensa com campos verdes e reluzentes junto à flores brilhantes, Will pegou seu celular para mandar uma foto. Gravou o horizonte que mostrava a gigante cidade que parecia, de fato, flutuar. Era a primeira vez que os órfãos viajavam tão longe de carro.

Olhem isso!

Nossa! Que belo passeio esse, hein.

Maria mantinha se capturada pela tela do celular de Martía, que também apreciava ao lado.

Uma Ilha sem água. A cidade foi construída sobre um local rodeado por um desfiladeiro que separava do campo verde em volta. Quatro vias imensas ligavam aos respectivos pontos cardinais, evidenciando a densidade de veículos que transitavam no momento.

Contudo, a cada metro, mais congestionado ficava. Uma fila para passar pela estrada. Guardas estavam revistando alguns carros que passavam pelo pedágio.

— Quem é essa moça? — perguntou Martíia ao apontar para Luri na foto.

— Será que é a esposa do senhor Réviz? — Examinou Maria, curiosa.

— Que nada! Essa mulher nem apareceu pra pegar os três!

Um questionamento desagradável. As duas se olhavam e tentavam adivinhar o que uma pensava. De fato, foi a mesma pergunta:

— E se for? — disseram juntas.

Os dedos frenéticos delas disputavam o controle do celular para mandar uma mensagem. Cada uma tentou iniciar perguntas diferentes, entretanto, nenhuma de fato conseguiu enviar nada.

No outro lado da tela, Will analisava feito uma criança, embora, quando o olhar aterrisou em Mark, sentiu uma agonia ao ver o rosto corado no vidro e abatido como se não existissem motivos para aproveitar o momento. Antes que seu dedo fosse tocar o irmão que agia estranho, a atenção foi roubada por quem abordou o carro:

— Com licença. — Um guarda se aproximou do veículo.

Os três toques suaves no vidro foram suficientes para Réviz mostrar desprezo ligeiro. Abaixou o vidro e cumprimentou com uma gentileza que brotou no rosto anormal após o contato visual direto, digno de ator preparado:

— Bom dia!

— Desculpem o transtorno, queremos garantir a segurança da cidade durante o período de festas. Preciso saber das informações de quem está entrando.

Pergunta incomum, nenhum policial tinha essa curiosidade sem qualquer nível de desconfiança. O líder olhou em volta e notou outras filas sobre o mesmo processo. Notou tal comportamento, ações de quando as autoridades esperavam o reconhecimento não de um perigo em potencial, mas de alguém específico...

Estreitou a vista e prosseguiu com o jogo:

— Tudo bem. — Virou o corpo e começou a indicar. — Estes são meus filhos adotivos: Nirda, Will e Mark. Esta ao meu lado é minha esposa, Luri. Posso mostrar os documentos se assim necessário.

— Hãh? Pera aí. — Luri soltou, envergonhada.

Os dois irmãos tinham sorrisos amigáveis, e a menininha tinha o rosto grudado no janelar — como uma mosca que colidiu sem sorte —, admirando as cores vibrantes do lugar que nunca viu.

— Ah, tanto faz. Podem passar. — Fez o sinal para a cabine à frente. — Tenham uma boa viagem.

Mark mal deu importância para a encenação. A história era tão conveniente que acreditava que Réviz já havia criado documentos para justificar a mentira. Ao seu lado, o irmão acenou rapidamente ao ver o policial se afastar.

— Para você também — disse Will.

— Acha que o policial vai viajar também hihi? — Mark deu um toque no ombro de Will.

Envergonhado pela confusão gerada por apenas uma tentativa de ser educado, Will encolheu a cabeça. A mulher na frente o confortou ao passar a mão por seu cabelo. E virou a Réviz, ainda com bochechas vermelhas.

— Precisava ter dito aquilo?

— Sim. Manteremos as aparências normalmente sem causar uma rivalidade.

Nirda avançou para o meio com olhos cintilantes e felicidade que estava prestes a gritar como um balão completamente cheio.

— Que legal! Então posso te chamar de “mamãe”?

Não importava mesmo. Luri foi encurralada por todas as direções. Virou o rosto para a paisagem, escondendo sua expressão sem graça com a franja. Ignorando esse fato, os outros dois estavam frios com a situação.

Mark e Réviz sabiam do verdadeiro problema da viagem. Bastava que alguém soubesse da conexão com o Segundo Setor para que tudo ficasse extremamente difícil na Passagem.

Era assim que Mark pensava, porém, abaixo do retrovisor interno do carro, onde encarava seu pai, o caminho e a descida se mostraram ser grandes. Na parte da tarde, finalmente chegaram dentro do perímetro daquela vasta cidade. Os campos de flores brilhavam ainda mais em cor branca; uma iluminação natural aproveitada de forma incrível.

Passavam por vários caminhos que levavam para os

entornos da região, a parte urbana começava ali, embora a existência de várias fazendas e fábricas em volta, dava a impressão de outras mini-cidades fragmentadas em volta.

Só que uma em específico tinha bastante destaque.

Mark vidrou a atenção na entrada que as flores estavam apagadas — mortas e sem quaisquer brilhos. “Esquisito”, pensou. Mark sentiu algo familiar; esfregou a cabeça, insatisfeito. “O que tá acontecendo comigo?” Arqueou as sobancelhas sem perceber nenhuma clareza nos sentimentos que podia descrever: aprendizado acelerado, sensações de nostalgia, calma e... seriedade.

Reconheceu que não agia de forma coerente desde aquela manhã no orfanato, ou melhor: o primeiro vislumbre que teve. “Acho que tenho que engolir seco, sorrir e acenar”. Tinha esperanças de que este lugar pudesse trazer respostas.

Momentos depois, entraram no centro de tudo. Verticalidade sem precedentes. Prédios que alcançavam os céus — coisas que os órfãos nunca viram tão aglomerados. O campo de visão era derrotado pelas grandes construções.

Os únicos espaços livres davam a vista completa do maior: o parque, um local que parecia uma pequena ilha que pairava constantemente enquanto desafiava a física. Máquinas enormes faziam o enorme pedaço de terra permanecer no ar, estático.

Foram em linha reta, seguindo as ruas que levavam ao parque, mas, a metros de distância de estacionar e aproveitar o local, viraram para ir a um hotel. Nirda bufou, decepcionada com

a sequência. Uma criança impaciente, logicamente, iria espernear com a decisão sem a aprovação delas, porém, a menina de cabelos verdes apenas cruzou os braços.

Não demorou muito. Se instalaram no hotel para descansar durante a viagem. Os três órfãos foram ao quarto com as expectativas ao alto e... exato mesmo cômodo, que nem a casa de Réviz e a ODST.

— A gente deve ter pegado uma maldição! — Will amassava os cabelos.

E, de novo, precisou comandar a arrumação. Nirda e Mark apenas realçaram seus rostos vingativos, prontos para começar uma guerra contra a falta de organização que queriam.

Deveria ser uma noite normal no apartamento. Luri pensava que seria o extremo contrário. Estava sozinha com seu amigo no quarto que deixaram os pertences, inquieta com a falta de explicações:

— Não vai nem me dizer o próximo passo?

Via Réviz arrumar suas roupas, que não pareciam de quem ficaria em casa. Seu traje que parecia de caçador via o lado de fora. A moça apoiou na porta, preocupada.

— Tá pensando no quê?! Vai inventar de ir lá? — Não obtive nem um olhar direto, o outro apenas continuava a se trocar como se nada estivesse por perto. — Réviz! Por favor! Corta essa!

— Fique com eles, averiguarei uma... preocupação. Prefiro te ver ilesa. — Sem a menção de retornar, passou por Luri e saiu do quarto.

Deixou sua colega com o coração apertado de novo. Luri tinha medo daquele homem, que cresceu junto, nunca mais pudesse aparecer. O som da porta, a qual viu fechar sem hesitação, atingiu não só os ouvidos, mas também o peito.

— Tão... tá — sussurrou.

O pesar era inexistente em Réviz, que escalou o hotel e fitou ao redor feito um vigilante inconveniente. Ao balançar a cabeça por todas as direções, encontro o assunto desejado mais distante.

Traje de caçador era efetivo em disfarçar no escuro, entretanto, numa adição significativa, puxou um capuz e se definiu como imperceptível.

Atravessou as ruas ao saltar entre os prédios, usava os objetos como meras ferramentas de locomoção, esgueirou, girou e agarrou com exímio pelo percurso. A demonstração de *parkour* merecia prestígio, logo, para encerrar a apresentação no passo pesado, aterrissou numa rua escura e deslocada de qualquer cidadão, o único lugar que faltava ser tocado pela luz colorida que preenchia pelas ruas mais ao longe.

Uma multidão passou pela rua em fervor de festa, cantavam e dançavam a frente de uma carreta que seguiu até o parque, havia um gradiente de emoção que tendia das periferias até as regiões centrais da cidade. O vice-líder, vendo a rua vazia, com seus moradores todos fora de casa, realçou a falta de moderação no ritmo festivo:

— Animais...

O desprezo pelo distanciamento curto entre as pessoas o

fez fungar o nariz. Após atentar para frente, a antiguidade foi constada confirmada na mente: “Museu da elevação, o segundo lugar que vislumbrei”.

Réviz fitava a grande placa acima, comparava a versão recebida pelos olhos do agora com as imagens vislumbradas anteriormente entre pontadas na cabeça. Branco e belo, um lugar movimentado e adorado num dia ensolarado. Agora, o branco desbotado em meio ao cinza morto e insaturado que dava o contraste fiel como abandonado.

— Previsível para um museu, infelizmente.

Entretanto, era notório a presença de alterações recentes. Gritando pelo concreto corrido e a armadura exposta, imensas mensagens coloridas abordavam a entrada. Fogos de artifício preencheram os céus, e Réviz nem deu a mínima importância, focado milimetricamente.

O movimento da cidade estava concentrado nos barulhos que viam de suas costas: música, vendedores, famílias felizes; uma festa para todos. Um ambiente que não trazia tanto agrado para o terceiro nível, embora tal comoção fosse descrita de forma perfeita nos cartazes na porta do museu.

“Venham! Amanhã acontecerá o grande festival flutuante!”, uma mensagem com desenhos amigáveis pendurados ao sereno ambiente sem alma.

Ignição singela percorreu o corpo, que disparou em uma escalada até o topo pelos pilares. O telhado era quase inteiramente composto por vidro, a iluminação natural e dos fogos realçaram o estado deplorável e largado do lugar sob clarões de felicidade.

— Igual ao vislumbre. Um museu enigmático.

Uma cobertura de vidro percorria pela extensão do telhado, deixando o interior visível através da luz fria da lua. Aproximou-se do centro e abriu uma escotilha por perto, se atirou do topo numa aterrissagem que ecoou e ascendeu poeira das relíquias.

Seu traje escuro se camuflava perfeitamente nas sombras, entretanto, um grande brilho branco tocava sua silhueta extravagante. A luz pulsava como se alimentasse uma ansiedade incomum no ambiente histórico. Em meio aos resplandeceres momentâneos, notou os objetos de exposição do lugar: pinturas, estatuas, fotos, armas e um grande mapa de toda a cidade.

Aquele museu era a personificação da história do lugar que sempre parecia flutuar de longe, que tinha uma imensa importância nos seus vislumbres. Com uma pressa e delicadeza incerta, caminhou até a porta do fundo do museu, onde trazia a atenção rítmica, desviando de esculturas de pessoas importantes.

— Não parece ser um dispositivo de segurança.

A entrada estava realmente trancada, mas a escotilha se manteu aberta. A situação precária do exterior complementava o interior, seja lá qual era o uso do lugar, se tornou claro que era diferente de expor as pessoas cobertas por poeira.

Aquele local tinha uma função diferente, uma que não permitisse vândalos quaisquer de atravessar ou cidadão sedentos pelo aprecio de uma boa história.

Passou pela última estátua e parou. Retomou o olhar e confirmou a suspeita incomum. Era uma estátua de um homem

barbudo com cabelo espetado e amarelo. Numa pose poderosa, o sujeito representado pisava em outro, que tinha um enorme cabelo roxo e liso, amarrados a uma lança quebrada.

— Esta lança...

Se recordou dos vislumbres que compartilhou com Mark. Na visão de um grupo encapuzado, um cabelo roxo se enrolava numa lança semelhante. A descrição era conveniente e passava a impressão familiar.

Abaixou o corpo e notou a placa. Tentou ler a interpretação da representação mostrada, mas todas as gravuras estavam desgastadas a ponto de serem ilegíveis. Passou a mão e limpou um pouco da poeira. Ao examinar outra vez, sibilou:

— “Uma guerra de ideais, justiça e paz. Nossos antepassados, usando a vida dos inimigos em troca do futuro seguro...”

Distante da mensagem central, havia uma pequena frase mais ao extremo direito da placa. Após limpar, pode completar o retratado na estátua:

— “E sorrindo para a paz sob o céu estrelado”. *Humf...*

O jogo de palavras era o suficiente para dar a ilusão de a quem referia. Coincidências pairavam ao redor de Réviz, bastava que seguir até o fim para abocanhar a resposta.

A luz continuou a oscilação interrompida, banhou a placa e capturou novamente atenção do agente.

Esgueirando com muita cautela sobre uma noção vaga do destino, não sabia o que esperar daquilo. Sua face se contorcia em frieza e... curiosidade, ter encontrado uma figura tão precisa no

museu era a prova de que a missão de décadas tinha resultados a mostrar.

A postura se tornou atônita quando percebeu a verdadeira utilidade da sala que tinha a luz.

Abriu a porta-dupla com delicadeza e se preparou para qualquer virada de fatos. Com a guarda erguida, preparou e...

Paredes rodeadas por monitores gravavam ângulos constantemente do centro da cidade, mostravam as pessoas de cada rua em volta do parque, bebendo, conversando, beijando e se divertindo.

O monitor do meio da parede era o maior, transitava entre imagens mais claras destes ângulos. Porém, não foi isto que fez a boca abrir e o ar entrar, foi o perceber que o maior registrava a visão total do hotel em que hospedou seu grupo.

Pode até ver Nirda passar entre as janelas, tentando melhorar o humor de Mark.

Observados? Era essa uma de suas interpretações, entretanto, seu fundamento de lógica desmoronou quando percebeu, no lado esquerdo, que a fonte do brilho em sequência vinha de um imenso cristal em um altar.

Cada olhada era uma pergunta. Por que o vice-líder de esquadrão estava sendo pego de surpresa? Era realmente possível algo tão esperado de alguém inesperado?

“Qual o significado disto?”

— *Rhouuf...*

Os olhos percorriam frenéticos pelo branco que tingia a sala. Encurtou a distância com a ponta dos dedos até a pedra, mas

o movimento hipnótico foi travado ao escutar o ronco de um sujeito mais ao fundo em sua direita.

O choque com a informação não deu tempo de perceber a missão que um terceiro nível devia ter em mente: não abaixar a guarda. Sua jornada para encontrar respostas dava frutos, não conseguia se conter com a devida postura. Negou com a cabeça, agoniado pelo próprio fracasso em se manter são.

Definitivamente, buscou se manter preparado ao avaliar o local que entrou. O cômodo era largo demais para ser focado em apenas vigiar. Dessa forma, retomou ao comportamento cauteloso e rígido ao olhar para quem dormia.

O ronco começou a reverberar mais alto, a pessoa, que relaxava com a cadeira inclinada e apoiada na parede, tinha braços jogados para trás enquanto babava. Tão indefeso assim?

“Talvez, eu possa saber do que isso se trata” pensou, inconformado.

Retirou sua luva direita e levou seu dedo para a testa do dorminhoco. Antes que sua ignição manifestasse e invadisse a mente do desconhecido. Faíscas apareceram como uma alucinação de um oitavo de piscada e deram um curto pelos dedos.

“Outro!?” A ignição enlouqueceu com o toque, se propagou em meio ao ar sem controle em um milésimo. Deu um salto para trás ao notar o despertar do indivíduo, que se equilibrou na cadeira após deixá-la em pé e cultuou a presença inesperada:

— Um curto... — Bocejou. — Parece que é a primeira vez que me vê, não é? — disse causalmente, com uma voz

amistosa.

Posição de guarda enrijeceu sobre a reação de Réviz, que via ali a ameaça inesperada. “Esse curto significa que...”.

— Ah! Não me diga que não sabe. Afinal, é o blá blá blá de dois usuários quando se tocam de primeira vez. — Coçou os olhos.

Um comportamento tão amistoso aparecia com algo tão esquisito... Receio preenchia os pensamentos do agente, a visão se deparou com a marca no pescoço daquele que não conhecia.

— Um exilado. — comentou em tom seco.

— E você é um terceiro nível, não tá em lugar de fala pra me julgar não — retrucou, apontando o indicador junto a um sorriso corado.

Com o reconhecimento e apresentações forçadas, concluíram uma introdução crua, a qual foi prosseguida com troca de olhares silenciosos.

— Qual é o objetivo deste lugar?

— Ô, moço, cê que não era pra tá aqui em primeiro lugar... — Estralou o pescoço. — E eu não posso te entregar a paçoca.

Essa conversa não tinha mensagens iguais. Enquanto um se preparava para o desconhecido, um transmitia uma certa ameaça com hospitalidade ou amizade.

— Escuta só. Que tal você me deixar te dar uns tabefes para você esquecer disto, tipo, literalmente, e eu puder concluir aqui sem ter que manchar as mãos? — Coçou as orelhas.

— *Huh!* Conheça teu lugar. Considere esta mesma

proposta para si.

O sujeito relaxou a postura, triste com o resultado. Ombros despencaram, queixo negou e balançou as mãos ao esticar a coluna. A sequência de alguém recém despertado era desleixada. Ficou notavelmente desapontado, pois o rosto confiante apareceu como uma ameaça já ganha.

— Já que insiste. — Jogou a coluna para trás. — Começemos... — Ignição percorreu por todo o seu ser em cores misturadas e rítmicas. — *Direção!* — sussurrou, animado.

As duas mãos brilhavam fortes em cores que disputavam a mesma intensidade, o amarelo e roxo. O cristal, que foi a razão inicial a levar ao conflito sem hora marcada, parou de emitir presença quando os pulsos pararam abruptamente, permitiu em ter o guardião dorminhoco destacado em meio a escuridão.

Uma áurea amigável vinha do homem quando levantou a mão direita para um estalar de dedos. Réviz, atento a cada centímetro do usuário de energia encontrado, espantou-se ao notar o desligar um a um dos monitores até a ausência do visível pudesse ser uma descrição direta da sala.

Dessa exata mesma forma, o sujeito prosseguiu até Réviz, quem desviou de um soco direto com o girar de quadril.

Um chute alto veio numa corrente de ataque devido ao desvio. O vice-líder executou um mortal para trás que o deixou de costas para a porta que retornavam até o salão principal do museu.

As mãos adversárias pareciam dançar no escuro, possuindo cores que não se via normalmente. Foi muito ágil.

Dedos foram até a ponta do nariz, mas permaneceram à deriva pela ventania gerada no reflexo exageradamente veloz e frio do invasor de museus.

Aquele individuo parecia ter sua energia canalizada nas mãos, estava claro que seu objetivo era o toque direto. Réviz tinha um impulso exponencial a cada metro que o adversário se aproximava.

“Ele precisa do toque físico como a mim”, notou a insistência no toque das mãos coloridas.

Eram assustadoramente rápidos pelo grande local histórico, tentava a aumentar a distância com aquele que possuía incerteza das capacidades completas que mostraria.

O olhar afiado do terceiro nível analisava o comportamento inimigo com detalhes minuciosos. “Mão aberta, mais brilho”.

A ignição daquela energia trouxe brilho de cores mutáveis que haviam de ter um padrão do comportamento. “Seja o que for, preciso evitar”.

Pulavam paredes, quebravam itens. Insatisfação atormentou o guarda desajeitado. Dentes tremeram e um desabafar irritado foi emitido no mesmo momento. Réviz, na espera do avanço, se pendurou na parede. Mas o ataque não veio.

Percebeu o adversário afastar num salto. E, ao procurar o inimigo, uma escultura invadiu o campo de visão no meio da luz do luar. Um barulho de pedras rachando e fragmentos que caíam ao chão surgiram atrás da escultura.

— Nada pessoal.

A estátua foi levantada com empenho. A ignição amarela estava tão intensa que iluminava os arredores como um farol. Num ato ainda mais desajeitado, o inimigo atirou a estátua em Réviz enquanto deu uma piscadinha com a língua para fora.

O projétil improvisado foi desviado e aproveitado. Réviz pulou no objeto e usou como um caminho suspenso para uma investida.

Olhos ascenderam e as pernas aceleraram. Junto do punho erguido, recriou o ataque que racharia o escudo da Luri.

Projeteu o adversário contra a parede feito outro projétil forçado. A nuvem esbranquiçada das estátuas preencheu o campo de visão, entre os lutadores.

Mais tentativas de surpreender Réviz que não conseguiam sucesso. Ações que não deviam ser previstas foram revigoradas a frente: uma pintura foi lançada e perfurou no branco do ar. Réviz nem teve a ligeira vontade de agir. O objeto nem chegou aos pés dele.

— Xô testar um trem.

O amarelo brilhou e revelou momentaneamente a silhueta por trás da poeira. Seu adversário usou objetos ao redor como munição, atirando em alta velocidade qualquer coisa que as mãos coloridas tocavam.

Um clarão surgiu junto a uma torrente de furos apareceu, Réviz foi abordado pela distração inevitável e desesperada, que não tinha poder defensivo eficaz do que os próprios punhos. A nuvem dissipou enquanto o terceiro nível pulou antes de girar o corpo no ar, ficou ileso ao colocar o corpo no vão entre os tiros

no ar.

Dedos singelos foram até as costas... No milésimo anterior em que Réviz ia atingir o chão, um olhar determinado e confiante o cercou por cima.

A ignição marrou apareceu e foi condensada nas costas. Surpreso com o tempo de reação do invasor, o guarda foi forçado a recuar. Tentou cancelar a tentativa do ataque sem escapatória em uma fuga também sem escapatória.

O braço de Réviz foi em direção ao pescoço e o imobilizou, prendendo suas pernas com as do outro e desviando do impacto com o piso — impressionantemente, o tatame se tornou o próprio oxigênio, podendo fazer uma plateia vibrar numa competição pela virada instantânea da vantagem.

Réviz segurava o rapaz pelas costas num mata-leão e tinha a oportunidade de ouro. Aterrizaram no chão e usou o guarda para amortecer a queda bastava finalizar o confronto.

— *Contra...*

— Ainda. Não!

Eletricidade percorreu em um grito que se propagou no mesmo com o pescoço amarrado. Luzes de roxo e amarelo se tornaram outro clarão em meio a uma ignição tão potente que podia ser vista de muito longe feio um relâmpago.

Raios percorreram e espalharam no ar e pelo corpo de Réviz — um fenômeno tão bonito e capaz de causar pânico para qualquer um que fosse o alvo. Despreparado para isso, a estratégia minuciosa desabou quando percebeu que sua própria ignição — aquela que traria sua “contradição” — se misturou

com o de seu inimigo e dissipou.

A inspeção mental foi cancelada abruptamente ao colidir com a ignição do adversário.

Desfez a guarda por cima do adversário e se afastou, aflito com o movimento. O outro se levantou, ainda com o sorriso casual enquanto o brilho amarelo e roxo afloravam pelo corpo, chiando em estática.

— Nossa! — Coçou a garganta. — Você não é ruim, *hein...* Só faltou cuidado meu e... seu! — apontou para o peito de Réviz.

De repente, um símbolo apareceu por cima de sua roupa, era o resultado do mesmo ataque que tentou evitar.

— Não só deixou outro curto aparecer, mas como, também, fez a *saída* aparecer. — Mostrou a mão esquerda, que balançava como um tchauzinho, pelo fato dela não estar mais brilhando.

— Se há saída, há uma entrada. — Outro sorriso amigável ao levantar a última mão, brilhando intensamente até se condensar em um símbolo na sua palma.

A luz roxa, que um momento atrás pulsava na mão do adversário, estava cravada no peito de Réviz, e a luz amarela pulsava na mão direita do inimigo repentino, sincronizando as piscadas como uma só luz rítmica.



Eis a virada de eventos que acabou por trazer a percepção que há muito, muito tempo não sentiu: um adversário que exigiu uma compreensão vasta e precisa, alguém que era capaz de dar trabalho.

Encontrar um usuário de energia não era o fato exclusivo que trazia a feição intrigada, a naturalidade daquele que enfrentava escancarou o quão preparado estava. Invés de ter as variáveis no controle, Réviz sentiu na pele o descuido de uma luta faltosa do preparo.

Porém, o perigo foi uma adição ao questionamento real: “Não é como o Mark... Por quê?”. O encontro com seu filho adotivo vinha a cabeça, era um cenário totalmente diferente... “O que me trouxe até ele?”

Um vislumbre havia o guiado até encontrar o jovem de cabelo hipóbole, um usuário fora da ODS que o tornava uma exceção ambulante. No entanto, na sua frente, havia outro que quase tinha as condicionantes iguais, porque o aguardado foi o vice-líder.

Apertou o punho em meio a mente imersa em uma nuvem densa de não-respostas. Fixou os olhos no guarda e ajustou a postura — sua defesa, agora, se ajustou em algo menos fechado, braços mais separados que, finalmente, consideraram o ataque como técnica defensiva.

O guarda dorminhoco levantou as mãos e girou o ombro, apontou para o invasor de maneira peculiar para retirar uma culpa hipotética:

— Olha, não precisa ficar tenso assim. Bastou usar minha

energia, *duh?* — consolou. — Já que vai esquecer mesmo, vou te dizer o que ela faz! Mesmo que eu não seja o vilão, *obviamente*.

Uma pessoa sem noção subestimava o terceiro nível de um jeito relaxado. “Inocência ou estupidez, entretanto... vilão?” Esta pessoa sabia o que Réviz era? Ou melhor, sabia a razão tão conveniente que trouxe sua presença crucial naquele local? Precisava tomar controle da variável.

O símbolo em seu peito pulsava, brilhava nos mesmos tons da outra mão do adversário. Ritmo era destacado, assemelhando a uma conexão de dispositivos eletrônicos. O guarda ficou inquieto com a falta de reação clara do invasor.

— Deve ter notado um tipo de sincronia, ou seja, possuem uma ligação simples. — Girou a mão como se lançasse uma magia brega. — *Meh!* Que tal mostrar numa aula prática?

Sem jeito, foi até última grande estátua no centro — a mesma em que chamou a atenção do terceiro nível. Preparou os punhos para um golpe certo em uma das pernas e se atentou ao invasor, que tinha uma expressão fria, com uma olhadela sorridente.

Com um golpe do punho brilhante, a estátua se despedaçou em milhares de partes, a cabeça se tornou poeira com a força bruta que a deixou para queda livre. Um reflexo banhou os olhos e revelou o material escondido dentro da possível estátua comum, um aço que reforçava como se fosse o esqueleto.

Resultado impressionante. No exato momento em que o impacto aconteceu, Réviz sentiu um pesar de força em seu peito. Perdeu o equilíbrio e quase caiu ao chão, resistiu com empenho a

dor que o atingiu junto a um fulgor formidável.

Suas roupas, que somente pareciam armadura leve, realmente amorteceram grande parte do resultado.

— O que entra, sai! Inclusive a minha dor! — disse, animado.

Pupilas contraíram com a conclusão: “Ele vai se usar para me atacar”. A energia do vice-líder era perfeita para retirar informações, e não para uso ativo em combate. Dessa forma, contar que o inimigo era tão habilidoso quanto evidenciava que o destino das ignições guiaria o rumo do confronto.

Bastava ter a energia conveniente para o confronto, um adversário que fosse incapaz de revidar e só.

Enfim, seria o que qualquer um pensaria como cenário perfeito, inclusive o suposto guarda do museu. Sim... qualquer um sem experiência pensaria.

O guarda dorminhoco ajeitava o cabelo, exibindo o desempenho mostrado. Remexeu os quadris num joinha presunçoso. Durante a dancinha forçada, o cérebro gritou ao ouvir a mensagem dos olhos: outra investida tão abrupta do invasor, que tinha brilhava por inteiro em marrom junto a mão estendida.

Uma rajada de vento fez o lugar tremer, ruindo em barulhos do fim dos tempos; vidros vibraram, pilastras arranharam e a determinação à vitória ruiu. Pego desprevenido, sentiu a mão adversária abraçar a testa e enterrar a cabeça ao chão. Réviz marcou seu adversário no piso e sua contradição apareceu novamente.

Ignição cintilante; outro clarão.

Réviz teve sua ignição foi negada novamente. Em guarda, segurou um forte chute do dono da cabeça enterrada. O punho dele, pulsando em cores amarelas e roxas, veio em sua direção num complemento explosivo. Não teve escolha, precisou desviar da trajetória, dando brecha o inimigo se levantar enquanto grunhia em dor com o sangue escorrendo da testa.

O terceiro nível tomou distância mais uma vez até ver o movimento do seu inimigo. O ataque do suposto guarda, que devia projetar os danos somente ao sinal no peito do invasor, tinha destino um acerto arrogante contra o próprio piso, entretanto, foi parado quando o Réviz envolveu seu braço.

Era difícil captar o movimento como observador, apenas desaparecia e aparecia.

Disparou uma joelhada no queixo aberto, fez o guarda mostrar sua naturalidade se esvair em tons de preocupação vibrante com nariz sangrando. O terceiro nível concluiu ao afrontar com um soco que não podia ser visto com clareza — um movimento turvo direto para apagar qualquer um pelo caminho.

Seu punho possuía míseros milímetros do alvo, o nariz empinado. Dessa forma, pode perceber o ligeiro sorriso da satisfação em realizar o mais singelo dos planos do homem loiro. Réviz teve seu corpo projetado à parede após o grande símbolo da mão do inimigo se locomover pela pele até o lugar do rosto acertado, sincronizando com a do peito de Réviz.

Foi arrastado pelo museu pelo próprio golpe, que destacou o orgulho amigável e quase maléfico do outro.

— *Hmmm... Ah, Ah...* A ideia é boa. Não dar tempo pro

inimigo e tal, mas... i se não entende do que eu posso fazer... É-é o pior dos planos. — Retirou a poeira dos ombros, como se diminuísse os esforços recebidos, recuperando o folego.

Sentindo um amasso, Réviz curvou o peito enquanto sangue escorria por sua boca. O ritmo dos sinais do adversário demonstrava que não era a melhor resposta para alguém como ele — e de fato não foi. “Eu não sirvo para corpo a corpo que nem a Luri”.

— De novo, não quero machucar ninguém, então me deixa logo terminar, tá bom? — Havia algo de errado, aquele nunca podia ser o comportamento de alguém digno de enfrentar um terceiro nível.

Era um receio movido por obrigação.

Tinha algo faltando.

Começou a caminhar até o vice-líder. Permaneceu ao lado e deu três palminhas com a mão brilhante, parando logo em na frente.

— Que tal você...

Num terço de único instante, a palma de Réviz veio com tudo sobre seu rosto. A ignição da contradição estava presente novamente... e outro clarão apareceu, porém, o terceiro nível sumiu de onde estava.

O loiro ficou atônito pelo susto. Foi como uma assombração que pulava na sua cara. Revirou o lugar e não encontrou o paradeiro. Lábios apertavam e ombros aceleraram junto do pescoço. Assim, bastou o barulho de estalo para roubar a atenção do estranho. Como um ataque surpresa, Réviz usou o

cancelamento de propósito para forçar uma isca. Percorreu o museu e tomou impulso para uma série de ataques.

A face do terceiro nível estava completamente estranha... O capuz foi abaixado, e as emoções foram expulsas do corpo. Mergulhou no inimigo sem reagir de forma alguma, apenas fitava e encarava, frio.

Feito outra estátua.

O guarda tentou desviar constantemente, mas não era rápido o suficiente para se manter ileso somente com um dos braços; usou sua mão brilhante para aparar os ataques.

Golpes reverberaram com ímpeto do terceiro nível, que avançava como uma calamidade para o adversário. Sentia cada aparo em seu peito, entretanto resistia com tenacidade e a falta de esboço de qualquer esforço.

O outro ficava em alerta com a estratégia tão arriscada e assustou a si pela empatia fajuta com a dor do invasor, anunciou a vantagem que existia antes e o viu insistir em um beco de mesma estratégia.

Pior que ver esta decisão ruim, foi perceber a investida, aos poucos, funcionava — não existia tempo para usar a entrada da sua mão luminosa devido aos golpes que continha.

“Símbolo, na mão; apenas uma parte...” Réviz percebeu um grande detalhe no embate. O movimento da estátua principal do museu, onde notou a inércia para suas dores, lançou normalmente a destruição pelo lugar. “Fora; tudo”. O golpe fatal que recebeu após acertá-lo não alastrou em volta, somente o fez voar na direção contrária.